

JAMES JOYCE E SUA GRANDE AVENTURA NARRATIVA*

Leopoldo Marechal

Em Zurique, onde viveu alguns anos de sua juventude e escreveu parte de seu famoso *Ulisses*, morreu James Joyce, o escritor atual que sem dúvida provocou mais discussões e conflito em torno de si. Se devemos identificá-lo com o Stephen Dedalus de suas obras, diremos que terminou em Zurique uma existência singular, iniciada em Dublin no ano de 1882 e definida pelos dois grandes temas implicados em nome do arquiteto mitológico (Dedalus) que Joyce deu a seu personagem: um conceito labiríntico e uma labiríntica realização da vida humana; um afã eterno de evasão, simbolizado no Ícaro da mesma lenda.

Alguém poderá dizer algum dia como Joyce acertou a natureza de seu labirinto e como extraviou os meios de sua evasão ao confiá-la somente às frágeis plumas de Ícaro. De minha parte, respeitoso de uma consciência que tanto lutou e que talvez tenha triunfado em última instância, me limitarei a considerar alguns aspectos de sua obra que, segundo creio, não foram vistos ainda com suficiente clareza.

Desde que os críticos, favoráveis ou adversos, se dedicaram a exaltar ou vilipendiar a obra de Joyce, todos concordaram em designá-la como "algo raro" e fora da ordem comum: poucos são, por exemplo, os que, seja no tom da censura ou seja no do elogio, não considerem a *Ulisses* como um monstro literário. Não obstante, eu me atrevo a sustentar que dita obra é a primeira e a maior tentativa que se fez ultimamente de devolver ao romance seu delineamento clássico e sua raiz tradicional. É sabido que o romance, gênero relativamente moderno, deve ser considerado como uma "concepção" da epopéia antiga: quer dizer que não obstante o caráter pejorativo de tal definição, o romance necessariamente herdou as normas do gênero épico, ainda que adaptadas à modalidade dos novos tempos, cuja expressão lhe corresponde como substituto da epopéia.

Não há dúvida de que Joyce o entendeu assim graças a sua sólida formação clássica e sobretudo escolástica: as idéias estéticas de São Tomás trabalhadas quase até o bizantinismo por este irlandês estranho; seus estudos parisienses de Aristóteles (aquela *Poética* magnífica!) na Biblioteca de Sainte Geneviève; seus conhecimentos da épica imperial que o levaram muitas vezes à imitação e até à paródia do gênero: todas estas circunstâncias contribuem para iluminar o fundo simplíssimo do *Ulisses*, apesar dos re-

* Publicado em *La Nación*, 2 de fevereiro de 1941. Tradução de Jorge Wolff.

ursos técnicos e das fantasias verbais que o complicam exteriormente. E no n das contas o leitor sagaz descobre que o *Ulisses* é algo menos que uma opéia e algo mais que um romance (não poderia dizer-se o mesmo do *uixote?*).

Não me referirei aqui às correspondências mais ou menos veladas de o *Ulisses* de Joyce pode ter com a *Odisséia* de Homero e em que tanto in- stem seus críticos: a meu ver, as normas da epopéia se dão no *Ulisses* não nto por uma imitação mais ou menos desfigurada dos episódios homéri- s quanto por algumas características da obra que tratarei de resumir no e segue.

Afastando-se do romance contemporâneo corrente, Joyce consegue terar a verdadeira estatura de seus personagens, conferindo-lhes o que eu amaria certa "magnitude heróica" e fazendo-os, não melhores do que são, mo Aristóteles queria (porque Joyce carece de toda intenção moral), senão maiores" ou, se se quer, "mais dilatados". Para isso às vezes utiliza o tom tural da épica e até em suas formas arcaicas, ou introduz no texto, insoli- mente, figuras e cenas heróicas que só têm com tal personagem ou tal epi- dio uma vaga relação de similitude; ou adota, enfim, a técnica desmesu- da de Rabelais até dar a sua obra os contornos de uma verdadeira "gi- ntomaquia".

Outro caráter épico do *Ulisses* se revela em sua propensão a dilatar limites vulgares do homem, estendendo-os a novos e misteriosos planos i realidade. Certo é que a epopéia antiga, as arraigadas no metafísico e so- enatural, cumpre dita norma "visualizando", para dizê-lo assim, a relação visível que existe entre os deuses e os homens, entre a causa primeira e as usas segundas. Mas Joyce, que perdeu sua fé e só é como seu Dedalus, uma horrorosa espécie de livre pensador", faz que seus heróis saiam de si esmos, não para encontrar-se frente à frente com o sobrenatural, senão ra encarar minuciosos desdobramentos deles mesmos, seja no modo do nho, seja nos mil disfarces da própria consciência, seja no turvo universo o subconsciente. Contudo o "efeito literário" é muito semelhante e aquele pítulo dialogado do *Ulisses*, o que se desenrola no bairro dos bordéis, al- nça a grandeza épica de uma *descida aos infernos* (tema que raramente falta s epopéias antigas) mas com uma diferença fundamental: que seu tema, o *Ulisses*, é literário e na epopéia é um tema metafísico.

Por outro lado, não ignorava o estudioso Joyce que sob o sentido li- ral da epopéia, tão simples e claro, se oculta um sentido profundo, um en- namento teológico que se dá por modo de símbolo e figura. Tal conheci- ento lhe inspirou quiçá esse jogo de chaves que se dissimula no *Ulisses*. as também aqui a diferença é muito significativa: o iniciado que dá com a ave de uma epopéia, lê seu sentido profundo e alcança uma verdade: o iciado que dá com a chave do *Ulisses* descobre que só se tratava de um o literário. Por uma segunda vez, James Joyce, atento às normas da epo-

péia, se desentende com o "espírito" e fica com a "letra": o "literato" predomina nele e essa inclinação o levará longe.

Da mesma fonte tirou Joyce aquele realismo categórico e aquele gosto pelo rude que tanto escandalizou a muitos e que lhe valeu certa reputação de imoralidade e de pornografia, a meu ver muito injusta. Disse já que a obra de Joyce carece de toda intenção moralizante, o que não vale dizer que seja imoral em si mesma. Ademais, o pornográfico na literatura supõe certa complacência malsã do escritor no que descreve e tão longe está Joyce de tudo isso que, segundo um de seus críticos, ao descrever as paixões humanas o faz com a estudada frieza do casuísta (e Stephen Dedalus o teria sido, e muito fundo, se tivesse juntado a seu nome o S. J. consabido, como esteve a ponto de fazê-lo um dia). Por sua vez confesso que suas passagens escabrosas me fazem recordar as gravuras instrutivas de Brueghel e o gesto admonitório das gárgulas medievais. Mas não deixo de reconhecer que Joyce carregou algumas vezes nas tintas e que sua obra magnífica não ganha nada com esse alarde blasfematório que assoma em certas páginas.

Agora se objetará que, apesar de seu classicismo secreto, o *Ulisses* continua sendo um monstro literário. E digo que o é efetivamente, ao menos em aparência, porque Joyce, atento só às normas interiores da épica, não guardou seu número exterior e suas proporções visíveis. O herói da epopéia, por exemplo, não perde nunca sua unidade ante nossa visão: é sempre uno, e sua figura ressalta, luminosa e inteira, segundo o modo "apolíneo" que intuiu Nietzsche; pelo contrário Joyce divide seu herói e o subdivide até que sua forma unitária desaparece de nossa vista, como desaparece a unidade de um organismo sob a lente do microscópio. Ademais, o tempo da epopéia é o tempo natural da vida, enquanto que o tempo de *Ulisses* é o tempo analítico do "ralenti" cinematográfico. Por outra parte, na epopéia, como em toda forma clássica, os meios de expressão estão subordinados ao fim e a "letra" nunca arrebatada em primeiro plano ao "espírito". Joyce, cuja inclinação à letra já apontei, conclui por dar aos meios de expressão uma proeminência tal que a variação de estilos, a contínua mudança de recursos e o jogo livre do vocábulo concluem por fazer-nos perder a visão da cena, dos personagens e da obra. Não se deteve aí, certamente, porque há um "demônio da letra" e é um demônio terrível: a julgar por seus últimos trabalhos, o demônio da letra venceu a Joyce definitivamente.

E esta é a grande aventura narrativa de um escritor admirável. Não duvido que se o romance retomar, segundo creio e espero, seus antigos caminhos e sua grandeza original, os romancistas do futuro verão em James Joyce um precursor iluminado e se aproximarão do *Ulisses* como de um belo e estranho monumento.